

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2002

1.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

V.S.F.F.

138/1

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

- 1 Deram dez horas. Antes de se recolher foi ao quarto onde se fizera a cama da ama. A Gertrudes, o criado de Arroios, o Teixeira, estavam lá cochichando ao pé da cómoda, na penumbra que dava um fólio posto diante do candeeiro; todos se esquivaram em pontas de pés quando lhe sentiram os passos, e a ama continuou a arrumar em silêncio os gavetões.
- 5 No vasto leito o pequeno dormia como um Menino Jesus cansado, com o seu guizo apertado na mão. Afonso não ousou beijá-lo, para o não acordar com as barbas ásperas; mas tocou-lhe na rendinha da camisa, entalou a roupa contra a parede, deu um jeito ao cortinado, enternecido, sentindo toda a sua dor calmar-se naquela sombra de alcova onde o seu neto dormia.
- 10 – É necessário alguma coisa, ama? – perguntou abafando a voz.
– Não, meu senhor...
- Então, sem ruído, subiu ao quarto de Pedro. Havia uma fenda clara, entreabriu a porta. O filho escrevia, à luz de duas velas, com o estojo aberto ao lado. Pareceu espantado de ver o pai: e na face que ergueu, envelhecida e lívida, dois sulcos negros faziam-lhe os olhos mais refulgentes e duros.
- 15 – Estou a escrever – disse ele.
Esfregou as mãos, como arrepiado da friagem do quarto, e acrescentou:
– Amanhã cedo é necessário que o Vilaça vá a Arroios... Estão lá os criados, tenho lá dois cavalos meus, enfim, uma porção de arranjos. Eu estou-lhe a escrever. É número 32 a casa dele, não é? O Teixeira há-de saber... Boas noites, papá, boas noites.
- 20 No seu quarto, ao lado da livraria, Afonso não pôde sossegar, numa opressão, uma inquietação que a cada momento o fazia erguer sobre o travesseiro, escutar: agora, no silêncio da casa e do vento que calmara, ressoavam por cima, lentos e contínuos, os passos de Pedro.
- 25 A madrugada clareava, Afonso ia adormecendo – quando de repente um tiro atroou a casa. Precipitou-se do leito, despido e gritando: um criado acudia também com uma lanterna. Do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, numa poça de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou seu filho morto, apertando uma pistola na mão.
- 30 Entre as duas velas que se extinguíam, com fogachos lívidos, deixara-lhe uma carta lacrada com estas palavras sobre o envelope, numa letra firme: «Para o papá.»
Daí a dias fechou-se a casa de Benfica. Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a Quinta de Santa Olávia.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 1998

Elabore um comentário do texto apresentado que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- emoções e atitudes reveladas por Afonso da Maia;
- construção de uma atmosfera trágica;
- recursos estilísticos relevantes;
- importância do excerto no contexto da obra.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se à poesia de Alberto Caeiro.

É [...] pela objectividade e pela fraternidade com a natureza que a poesia de Caeiro mais flagrantemente se caracteriza.

Beatriz Berrini, «O Paganismo de Pessoa», in *Eça e Pessoa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984, p. 86

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2002/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

V.S.F.F.

138/3

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e sessenta e quatro palavras, num texto de **cento e cinco a cento e trinta e cinco** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 Se escritor existe, na história da literatura portuguesa, cuja biografia literária é breve e de certo modo apagada, esse escritor é sem dúvida Cesário Verde. [...] Essa impressão de apagamento torna-se mais insistente em contraste com a notoriedade que o poeta atingiu depois de morrer, em função do relevante papel que se lhe reconhece na evolução da poesia
5 portuguesa da segunda metade do século XIX. [...]

Ignorado ou incompreendido pelo meio literário português – note-se que o *Parnaso Português Moderno*¹ (1877), de Teófilo Braga, não o inclui nem se lhe refere –, Cesário consagra-se à vida comercial e agrícola, que cada vez mais o absorve. O que não o impede, no entanto, de prosseguir a sua criação poética, sob o signo de um certo cepticismo,
10 confessado em cartas a vários amigos (Macedo Papança, Silva Pinto, etc.), e também de uma espécie de tédio existencial, acentuado quando se agrava a tuberculose de que por fim morreria, em 19 de Julho de 1886.

O relativo isolamento em que decorre a breve vida literária de Cesário Verde pode explicar-se de várias formas, a começar pelo que de inovador existia na sua poesia,
15 antecipando-se, nos anos 70, aos movimentos poéticos que o fim-de-século consagraria. Por outro lado, Cesário não se articula directamente com aquele que foi, no seu tempo, o grupo dominante de intelectuais e escritores: a chamada Geração de 70, de que Cesário se separava antes de tudo por um pequeno desfasamento etário (contava apenas 16 anos quando tiveram lugar as Conferências do Casino). A isto vem juntar-se a sua cada vez mais
20 intensa actividade comercial, aliada à falta de uma formação universitária que lhe facultasse o acesso aos círculos intelectuais dominantes no seu tempo. [...]

O reconhecimento póstumo da importância de Cesário Verde na literatura portuguesa do século XIX deve muito ao empenhamento de Silva Pinto: tendo publicado em 1887 o volume a que deu o título *O Livro de Cesário Verde*, Silva Pinto legou à posteridade uma obra poética
25 ordenada (certamente de acordo com o seu critério pessoal) em duas secções – «Crise romanesca» e «Naturais» – e com variantes em relação ao primeiro aparecimento na imprensa; a esses textos vieram juntar-se, em edição de Joel Serrão, outros poemas dispersos, entretanto recolhidos.

Carlos Reis, «Cesário Verde: Realismo e Criação Poética»,
História da Literatura Portuguesa, vol. 5, Lisboa, Alfa, 2001

¹ *Parnaso Português Moderno*: antologia de poesia que reúne autores do século XIX.

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (noventa palavras como limite mínimo, e cento e cinquenta como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por treze palavras: «note-se/ que/ o/ *Parnaso/ Português/ Moderno/* (1877),/ de/ Teófilo/ Braga,/ não/ o/ inclui/».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Conteúdo	60 pontos
Organização e correcção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correcção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correcção linguística	30 pontos
Total	200 pontos